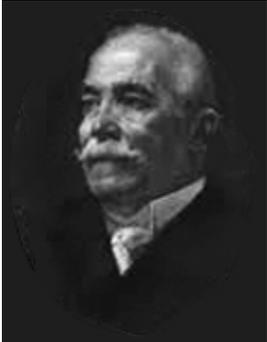


DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



Aires [de Magalhães Sepúlveda], Cristóvão (Ribandas, Goa, 1854 – Lisboa, 1930)

Cristóvão Aires [de Magalhães Sepúlveda] nasceu em Ribandas, Goa, a 27 de Março de 1854 e faleceu em Lisboa a 10 de Junho de 1930, no posto de coronel de cavalaria, reformado. Viria a ser lente na Escola de Guerra. Depois de ter estudado os primeiros anos na Índia veio para Portugal por influência do conde de S. Januário, ao tempo aí governador e a expensas do subsídio das Câmaras Agrárias de Goa. Foi o poeta Tomás Ribeiro quem encaminhou Cristóvão Aires, nos primeiros passos, ao chegar a Portugal. O autor do *D. Jaime* havia tido ocasião de apreciar, quando estava no Oriente, o desabrochar do seu talento que veio a dar ao país milhares de páginas para a história nacional, nomeadamente na sua vertente de estudos sobre o exército.

Cristóvão Aires assentou praça, como voluntário, no Batalhão de Caçadores nº 5, em Novembro de 1872, foi promovido a alferes graduado em 1876 e a coronel em 1911. Passaria à reserva em 1913. Foi casado com Maria do Carmo, irmã da escritora e poetisa Maria Amália Vaz de Carvalho. A sua convivência familiar com esta escritora inseriu-o no convívio com uma tertúlia de que faziam parte destacados intelectuais da época, como Gonçalves Crespo. Fez o curso de infantaria e cavalaria da Escola do Exército, onde foi sempre premiado tendo pertencido ao estado maior da sua arma. Matriculou-se, depois, no Curso Superior de Letras, onde obteve elevadas classificações em cadeiras de Literatura, de Filosofia e de História.

Entrando na política, filiou-se no Partido Regenerador, sendo eleito deputado por três vezes. Exerceu os cargos de governador civil de Bragança e de promotor de justiça do 2º conselho de guerra da 1ª divisão. O seu elogio histórico na Academia das Ciências foi proferido pelo seu sucessor, o professor Mosés Bensabat Amzalak.

Cristóvão Aires dedicou-se ao jornalismo e fez parte da redacção do *Jornal do Comércio e das Colónias*, de que viria a ser director durante muitos anos. Lembrando a sua origem, define a sua inclinação: «Índio de nascimento, quero à Índia como berço meu amado; português pelo sangue, uso o apelido de um dos heróis da grande epopeia da nossa raça». A obra impressa deixada pelo historiador abrange quase todos os ramos da literatura e colaborou em diversas revistas literárias. Poeta das *Indianas* e dos *Novos Horizontes*, é um contista nas suas *Longínquas*. Onde, todavia, se revela como ensaísta de valor é na sua *História do Exército* onde se situa como um historiador consciencioso e imparcial. Cristóvão Aires aliava ao seu espírito crítico a qualidade de infatigável investigador. Os volumes de *Provas* que documentam a sua *História* são fontes valiosas para os actuais investigadores. É, no entanto, de salientar a ausência de índices remissivos



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

que facilitariam e valorizariam a consulta deste importante estudo.

A designação de *história orgânica* que surge na sua obra (*História Orgânica e Política do Exército Português*) foi proposta por uma autoridade governamental - o presidente do conselho de ministros, Serpa Pimentel (e simultaneamente ministro da Guerra) que, nos termos de uma portaria publicada numa ordem do exército nº 18 de 10 de Maio de 1890 a ela alude. Aí se afirmava a necessidade de uma “história escrita dos seus feitos gloriosos, da sua organização, da sua missão efectiva e brilhante no progresso material e moral do país” e, por essa razão, se tomou a iniciativa de “se elabora[r] uma história militar do país”. O conceito de história militar do autor remete pois para uma história orgânica e civilizacional das nações, dos países dos estados ou do desenvolvimento humano. Concebia assim a história militar como um sector da ciência histórica no seu sentido global, associando-se com outros ramos da história nomeadamente económica, social, religiosa e cultural. Conjugava-se pois com uma só história no plano científico ou, se o desejarmos, um dos sectores de uma globalidade.

Deve salientar-se que na enorme extensão da *História Orgânica e Política do Exército Português*, nos seus numerosos volumes oferece, nos seus tomos X a XIII, estudos inéditos de grande importância para o esclarecimento dos acontecimentos relacionados com as invasões francesas, que tiveram lugar entre 1801 e 1811, em território nacional, aí se ocupando dos mais diversos temas relacionados com a acção dos exércitos franceses e ingleses em Portugal. Saliente-se a, título de exemplo, a temática ligada à engenharia que integrou o exército de Junot na invasão de 1807. Aí encontramos subsídios para a história da Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão, biografias de Beresford e Soult, estudos sobre a maçonaria portuguesa na época das invasões, sobre as defesas de Lisboa, ou sobre as Linhas de Torres Vedras. Nesse precioso conjunto sobressai o Diário de Junot em Portugal ou seja o conjunto de cartas enviadas por este chefe militar a Napoleão a partir de 10 de Outubro de 1807 quando ainda se dirigia, com o seu exército, a caminho de Lisboa, até 7 de Junho de 1808 da Convenção de Sintra e posterior saída de Junot do território nacional. Este conjunto de documentos é publicado em língua francesa e deve salientar-se entre os estudos que Cristóvão Ayres nos oferece na sua volumosa e valiosa obra.

Na sua *Teoria da história da civilização militar* procura mostrar “como as grandes épocas da humanidade foram os memoráveis períodos de luta”, correspondendo às seguintes figuras: Sete I e Ramsés II, com Nabucodonosor, com Ciro e Darío I, com Temistocles, com Alexandre, com Epaminondas e Xenofonte, com Mário e Júlio César, com Carlos Magno, com Gonçalo de Córdova, com Afonso de Albuquerque, com Carlos V, com Gustavo Adolfo e Turéne, com Frederico II, com Napoleão I, com Moltke, com Kuroki” (4ª ed., 1915. p. 8). O conceito de progresso está bem presente na sua narrativa: “... O inato instinto da sociabilidade, comum a outros animais, o interesse de assegurar e proteger as aquisições já realizadas e a família já constituída, levam-no [o homem] a congregar-se com unidades de força colectiva, e assim se estabelece a segurança e a paz, pelo mútuo respeito e conveniências mútuas. Adquirido este estado de segurança, nascem naturalmente as relações comerciais; vem a permuta dos produtos entre as localidades que os apresentam diversos, segundo a sua particular aptidão, as matérias primas de que dispõem, ou mesmo a produção especial do solo. O instinto artístico que, como o da conservação, da reprodução e o religioso, se revelou desde os mais remotos inícios da humanidade, vai-se desenvolvendo,



e, de escala em escala, de degrau em degrau, produz verdadeiros deslumbramentos!" (p.12).

Quanto ao *Dicionário Bibliográfico da Guerra Peninsular*, trata-se de um reportório de extrema riqueza para quem se dedica aos estudos históricos da época. Nele encontram-se os autores que, internacionalmente se dedicaram ao estudo de acontecimentos de grande repercussão no nosso país e tantos outros que se relacionaram com a epopeia napoleónica. A título de exemplo aí são citados, entre muitíssimos outros, todos os estudos de historiadores como Cláudio de Chaby, Chateaubriand, Luz Soriano de Latino Coelho o autor da *História Política e Militar de Portugal 1874-1893* até aos discursos parlamentares de José Estevão. Cristovão Aires foi sócio e secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa, sócio do Instituto de Coimbra e da Real Academia de História de Madrid e vogal da Comissão Nacional para as comemorações da Guerra Peninsular que tiveram lugar em 1908.

Bibliografia activa: *Indianas e portuguesas*, 1870-1875, Porto, 1879; *Novos Horizontes*, 1875-1880, Lisboa, 1882; *Íntimas*, 1885; *Lantejoulas* (contos), Lisboa, 1880; *O Conde de Schonberg*, Lisboa, 1892; *Esbôço histórico do Regimento de Cavalaria 7*, Lisboa, 1893; *História da Cavalaria Portuguesa*, 4 volumes, Lisboa, 1880-1894; *A evolução orgânica do exército, memória apresentada à Academia Real das Ciências servindo de exórdio à História do Exército Português*, Lisboa, 1894; *Organização militar dos árabes na Península*, Lisboa, 1901; *Fernão Mendes Pinto. Subsídios para a sua biografia e para o estudo da sua obra*, Lisboa, 1904; *Fernão Mendes Pinto e o Japão, pontos controversos Discussões. Informações Novas*, Lisboa, 1906; *Para a história da Academia das Ciências de Lisboa*, Coimbra, 1927; *Dicionário Bibliográfico da Guerra Peninsular*, dirigido por Cristóvão Ayres de Magalhães Sepúlveda, 4 volumes, vols. I e IV, Coimbra, Imprensa da Universidade, pp. 77 (volume I) e 71 (volume IV), Lisboa. Imprensa da Universidade, 1924 e 1930.

Bibliografia passiva: Arquivo Histórico Militar *Arquivo Particular Cristóvão Aires, 1808 – 1908*. Fundo 28, Catálogo, Lisboa, 2001; “Cristóvão Aires de Magalhães Sepúlveda”, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. I, Lisboa, Editora Enciclopedia, s.d., pp. 685-686; Vicente, António Pedro, “Militares que foram historiadores em Portugal” in *Portugal Militar. Da Regeneração à paz de Versalles*, XIII Colóquio da História Militar, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, Palácio da Independência, 2003, pp. 111-113.

António Pedro Vicente



APOIOS:

